

Povos Indígenas no Brasil

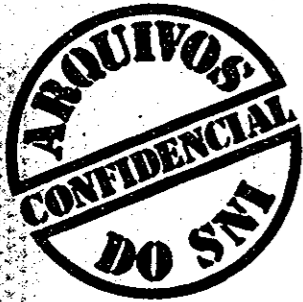
Fonte: *O Estado de São Paulo*

Class.: 42R00 474

Data: 8 de Setembro de 1987

Pg.:

A "Igreja subversiva" dos anos 70



Esta segunda reportagem de Ayrton Baffa, de Brasília, sobre os arquivos do Serviço Nacional de Informações (SNI) — a primeira foi publicada no domingo —, revela relatórios do Centro de Informações do Exército (CIE), dos anos 70, sobre as atividades dos partidos comunistas no Brasil, que recebiam aju-

da do Exterior em dinheiro e armamentos, além de contar com a cumplicidade da "esquerda clerical". A infiltração comunista na Igreja teria sido facilitada pela mudança de orientação principalmente entre os bispos, que em maior parte passaram a integrar a "linha progressista", segundo os documentos. Dela fazia

parte d. Adriano Hypolito, bispo de Nova Iguaçu, cujo seqüestro e sequestramento foram analisados pelo CIE como estrategicamente incorretos. Já em 1975 o Exército se preocupava com as atividades do Conselho Indigenista Missionário (Cimi), integrado pela "esquerda clerical", que o usava "como instrumento e

o assunto 'índio' como pretexto" para combater a política governamental. O órgão de informações do Exército não diz ter feito escuta no telefone do dramaturgo Dias Gomes, mas reconhece que agiu "em tempo hábil" para a novela *Roque Santeiro* ser proibida, na dé-

cada de 70. Na mesma época o então chefe do Estado-Maior do I Exército, Leônidas Pires Gonçalves, alertava para os perigos da infiltração comunista nos quartéis, enquanto o Centro de Informações da Aeronáutica detectava um movimento não-comunista contrário ao governo do general Ernesto Geisel.

Comunistas insistem na guerrilha rural

Assinado pelo general Antônio da Silva Campos, então chefe do Centro de Informações do Exército (CIE), um documento confidencial de julho de 1976 dizia que o fracasso das experiências de guerrilha não havia alterado a essência da estratégia do Partido Comunista do Brasil (PC do B) — conquista de um governo "popular revolucionário", através da luta armada. Segundo esse Relatório Especial de Informações (REI), o campo era considerado o local de melhores condições para o desenvolvimento da guerrilha e a China comunista constituía a mais poderosa base de apoio ao movimento revolucionário mundial. "Os ensinamentos de Mao Tsé-tung servem de guia na elaboração do caminho da luta armada."

pois de um ano, os cinco mil dólares (Cz\$ 325 mil, no câmbio atual) renderam 10%...

ALIADOS

A mais significativa adesão que o PC do B recebeu para sua luta armada, segundo o REI 01/76, foi a Ação Popular Marxista-Leninista do Brasil, que "reformou consideravelmente seus quadros, militantes e trabalho de campo". Algumas operações, a partir do aprendizado na China, foram planejadas e iniciadas em diversos estados, como Mato Grosso, Paraná, Espírito Santo, Pernambuco, Ceará e Goiás.

Os comunistas receberam também, segundo o relatório do Centro de Informações do Exército, a contribuição da Igreja. Sua "mudança de linha do espiritualismo para o materialismo, ou seja, da defesa da alma para a defesa do homem, propiciou a abertura por onde se infiltraram as idéias comunistas, criando a influente 'linha progressista', muito atuante no Brasil, particularmente entre os bispos".

O REI registrou contatos das organizações subversivas com o Exterior, como a Coréia do Norte, "Iniciados na Argélia por Apolônio de Carvalho", além de outros, no Chile e no Peru. De acordo com o CIE, nessa época era intenso o tráfico de armas e outros materiais para a região da fronteira entre o Brasil e o Peru, procedentes de Cuba. O material bélico chegava à embaixada cubana, "debaixo da proteção das imunidades diplomáticas".

Em outro relatório confidencial, de setembro de 1976, há a revelação de que uma fábrica de explosivos havia sido instalada em São Paulo, dirigida pelo líder Salomão Malina, atual presidente do Partido Comunista Brasileiro. "Tinha a finalidade de preparar militantes, na prática, para a luta armada. Com esse objetivo, em 1966, funcionou na URSS, na Escola de Quadros do PCUS, um curso especial de guerrilha, explosivos e armamentos. Frequentaram o curso 11 militantes, sendo dois de São Paulo, três do Paraná, três do Rio de Janeiro, um de Pernambuco, um do Rio Grande do Sul e um do Amazonas. Esses elementos, ao retornarem, ministraram cursos em seus respectivos estados."

O CIE diz que Salomão Malina perdeu uma das mãos "manuseando uma dessas granadas" que fabricava. Foi em 1967, quando preparava a segurança do local onde se realizou o VI Congresso do PCB, em São Paulo.

A influência chinesa estava comprovada desde 1965, quando diversos militantes fizeram na Academia Militar de Pequim "intenso treinamento"

A mudança de linha da Igreja propiciou a abertura por onde se infiltraram as idéias comunistas.

visando à guerra revolucionária. Segundo o documento do SNI, "após seu retorno esses militantes convenceram os demais da semelhança da revolução brasileira com a existente na China e o partido transferiu o centro de sua atenção para o campo". Surgiu então o levantamento de regiões favoráveis e foram criadas "áreas de campo" para a guerrilha.

As atividades dos PCs no Brasil eram financiadas também — e principalmente — por dinheiro vindo do Exterior. O Exército levantou as cifras através do depoimento de prisioneiros. A maior quantia da lista vem do Fundo de Auxílio aos Partidos Comunistas, de 210 mil dólares (cerca de Cz\$ 13,6 milhões, no câmbio atual), no ano de 1974, arrecadados em países do Leste europeu para ajudar os partidos "em dificuldade". O dinheiro foi entregue a duas pessoas — identificadas pelos órgãos de segurança brasileiros — em Buenos Aires, que o trouxeram para o Brasil. Um ano antes, 1973, a Federação Sindical Mundial, da Organização de Frente do Comunismo Internacional, de Praga (Checoslováquia), havia contribuído com cinco mil dólares.

O dinheiro recebido do Exterior chegava até a ser investido. O SNI anotou a aplicação feita por um militante comunista com seu cunhado, criador de gado em Mato Grosso. De-

Cimi, motivo de 'atrito' com o governo Geisel

"Um dos motivos de frequentes atritos entre órgãos governamentais e a Igreja Católica tem sido a atuação do Conselho Indigenista Missionário (Cimi)". A observação abre um relatório de 1975 do Centro de Informações do Exército sobre o Cimi. Por meio desta entidade, "conhecidos elementos esquerdistas têm procurado obstruir a execução da política indigenista do governo". Segundo o documento, "os reais propósitos da esquerda clerical" na época eram "utilizar o órgão como instrumento e o assunto 'índio' como pretexto para solapar a ação do governo". A prova disso: os boletins emitidos pelo próprio Cimi, "nos quais, ao lado de artigos específicos sobre o problema indígena, são costumeiramente encontrados ataques globais ao governo, pedidos de remoção da censura, moções pela libertação de presos etc."

Documentos mostram o interesse do PCB em utilizar os elementos do clero como agentes de contestação.

O CIE diz ter comprovado a ação marxista "em parte do clero" pela atuação do serviço secreto soviético, a KGB, que "tem em sua organização uma diretoria, dirigida atualmente por Mikhail Stepanovich Tsybald, que se dedica exclusivamente à infiltração e subversão do clero nos países do Ocidente". Isso, internacionalmente. "No plano nacional, numerosos documentos apreendidos dão conta não somente do interesse do PCB em utilizar os elementos do clero como agentes de contestação ao regime vigente, mas também, através deles, mobilizar para seu serviço a Igreja Católica, como instituição."

Segundo o relatório arquivado no SNI, o principal responsável pelas "distorções" na atuação do Cimi era o secretário-executivo, padre Egídio Schwade, "estritamente ligado a d. Ivo Lorscheiter", vários anos secretário-geral da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Schwade se caracterizava "pela exorbitância de atribuições regimentais e pela contumaz tomada de decisões à revelia da presidência do Cimi", o que foi "causa fundamental da renúncia do

primeiro presidente do órgão, padre Angelo Venturelli".

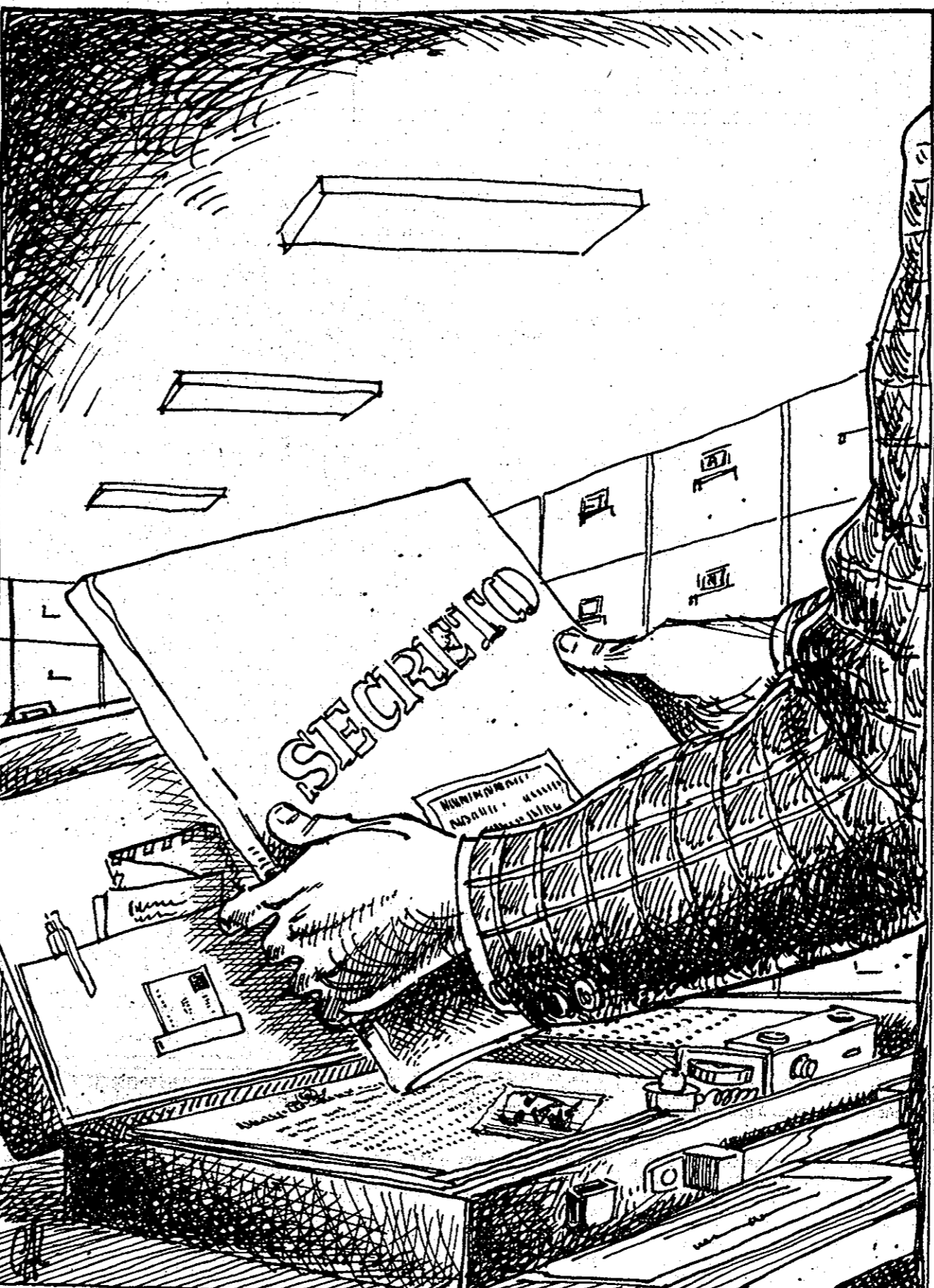
A renúncia do segundo presidente, padre José Vicente César, e a confirmação de d. Tomás Balduino no cargo viriam a caracterizar, de acordo com o órgão de informações, a "preponderância da esquerda clerical" e "o propósito de aprofundar a orientação contestatória imprimida à sua atuação".

Todos os problemas surgidos no Cimi, os quais levaram à renúncia dos dois presidentes, fizeram com que a CNBB buscasse "uma composição harmônica e definitiva para a direção do órgão". Dessa forma estaria, segundo o relatório, explicada a escolha de d. Tomás Balduino. "Além de perfeitamente afinado com o pensamento e atuação do secretário-executivo do Cimi, o bispo de Goiás é um dos expoentes da esquerda clerical e exímio na manipulação de meias-verdades com o fim de contestar a realidade ou justiça da ação governamental."

Dificuldades

Baseando-se em declarações dadas à imprensa, o CIE diz ter chegado aos motivos que dificultavam o "combate à subversão praticada por sacerdotes". Entre eles, "a resistência da maioria ainda não contaminada do clero em aceitar a evidência das denúncias formuladas e, principalmente, em se engajar de forma concreta no sentido de obstruir a atuação do MCI (movimento comunista internacional) no seio da Igreja Católica".

O CIE verificou que, "apesar de perfeitamente conhecida e individualmente repudiada por numerosos bispos e padres, a atuação dos sacerdotes marxistas não foi reconhecida publicamente por nenhum deles. Ao contrário, alguns prelados de nítida posição conservadora uniram-se ao coro dos elementos esquerdistas do clero para negar a infiltração comunista e desconhecer a existência do diabólico plano arquitetado pelo MCI para apoderar-se da Igreja Católica".



Um seqüestro inconveniente

O seqüestro e sequestramento de d. Adriano Hypolito, bispo de Nova Iguaçu (RJ), recebeu amplo comentário do Centro de Informações do Exército (CIE), em relatório de outubro de 1976. Na época, o Exército não se manifestou oficialmente sobre o incidente.

Classificado de "consciente ativista da esquerda clerical, permanentemente engajado em atividades típicas da chamada 'teologia da libertação'", d. Adriano tinha uma atuação que se enquadrava na "verdadeira guerra psicológica adversa". "Suas principais características são a adulteração proposital da atividade pastoral legítima para fins político-ideológicos e a exploração da massa de fiéis católicos como público-alvo natural", diz o documento do CIE arquivado pelo Serviço Nacional de Informações.

Exatamente por causa da "exploração" dos fiéis, o combate à "subversão" de d. Adriano só poderia

ser realizado eficazmente, segundo o Exército, "também no campo psicológico, tendo por base a identificação e o desmascaramento dos ativistas da esquerda clerical, a arregimentação consciente e consentida do clero não-contaminado e a reação dos leigos católicos democratas".

O CIE condenava não o atentado em si, mas seus efeitos "prejudiciais". "Particularmente no que se refere aos aspectos psicológicos, o atentado constitui exemplo típico de uma ação radical, executada com propósitos múltiplos e contraditórios, cujos resultados em nada contribuem para a neutralização da ameaça que justificaria a provocação". Os resultados do seqüestro de d. Adriano "foram não somente prejudiciais ao esforço de neutralização dos agentes da subversão clerical, mas forneceram a esses agentes motivos, justificativas e até novas armas para aprofundarem sua ação".

As consequências imediatas do atentado, segundo o Exército, seriam "o fortalecimento do movimento comunista brasileiro, pela integração pública e ostensiva da esquerda clerical no rol dos organismos que o compõem"; "o aumento das dificuldades de arregimentação da opinião pública contra as atividades da esquerda clerical", além do enfraquecimento político do governo, "pelas amplas possibilidades de exploração do atentado".

O CIE lembra ainda que "a natureza violenta e ilegal do atentado só poderia provocar um repúdio geral, inclusive de organizações anticomunistas, como a TFP, e do próprio governo". E as condenações públicas ajudaram "para mascarar ainda mais as atividades realmente subversivas desenvolvidas por dom Adriano Hypolito". O atentado foi "reivindicado por um grupo clandestino que se autoproclama na extrema direita".

O medo da infiltração nos quartéis

"Nunca é demais alertar aos jovens oficiais e sargentos quanto aos processos de infiltração utilizados, que vão desde a utilização de mulheres, indução ao consumo de drogas, chantagem, suborno e até coação física." A advertência é do então general-de-brigada Leônidas Pires Gonçalves, em 1975, quando chefe do Estado-Maior do I Exército. O atual ministro do Exército esclarece, no "relatório periódico de informações" de outubro daquele ano, que "a infiltração não deve ser entendida apenas em termos de 'ganhar' militares para a ideologia marxista, mas também pela tentativa de introduzir no meio militar, particularmente através das escolas e núcleos de formação, elementos já comunizados".

Com o carimbo de confidencial, o Comando do I Exército afirmava há 12 anos que "o comunismo internacional tem encontrado nas Forças Armadas dos países da América do Sul o maior obstáculo aos seus propósitos de expansão da doutrina marxista". Apesar da advertência do general Leônidas, diz o relatório que a razão principal de o Exército Brasileiro permanecer "imune à infiltração comunista" é a "formação democrática de seus integrantes" e o "sentimento nacionalista que os anima", como a sua formação, apoiada na "disciplina e eficiência profissional". "Desse contexto emergem virtudes que se antepõem decisivamente aos propósitos marxistas, o que determina um aperfeiçoamento continuado em suas táticas, visando à infiltração nas Forças Armadas."

O documento comenta a "excelente repercussão no meio militar" do pronunciamento do presidente Ernesto Geisel de 9 de outubro de 75, "pela coragem, clareza e serenidade com que foram abordadas as medidas econômicas que o governo" adotaria "para fortalecimento da economia nacional".

O governo militar começava a falar em abertura política e esse grupo responsabilizava Geisel "pela possibilidade de retorno à situação existente no início da década de 60", a qual "levou o povo e as Forças Armadas a agir drasticamente, dependendo, em 31 de março de 1964, o governo civil, fechando o Congresso e assumindo as responsabilidades pelo governo da Nação".



Leônidas, vários alertas contra a persuasão comunista

PREOCUPAÇÃO DA AERONÁUTICA Ao mesmo tempo que o Exército registrava o apoio às medidas econômicas do governo, o Centro de Informações da Aeronáutica (Cisa) captava o descontentamento de "determinado grupo de militares, provavelmente, em sua maioria, oficiais da alta e/ou reserva do Exército" com as medidas repressivas contra a subversão. Segundo o docu-

mento de 1975, esses militares reclamavam não das medidas, mas sim da "intensidade" com que estavam sendo aplicadas.

O governo militar começava a falar em abertura política e esse grupo responsabilizava Geisel "pela possibilidade de retorno à situação existente no início da década de 60", a qual "levou o povo e as Forças Armadas a agir drasticamente, dependendo, em 31 de março de 1964, o governo civil, fechando o Congresso e assumindo as responsabilidades pelo governo da Nação".

O documento revela que o Cisa identificou também outro grupo de oposição, "de constituição nítida de elementos da Aeronáutica". "Seus ataques são dirigidos, mais particu-

Exército ajuda a Censura a proibir 'Roque'

Ao analisar as atividades comunistas no Relatório Especial de Informações (REI) de outubro de 1975, assinado pelo general Confúcio do Centro de Informações do Exército (CIE) dedicou página inteira à novela *Roque Santeiro*, que, segundo seu autor, Dias Gomes, foi proibida pela Censura após o SNI haver gravado conversa sua com o general reformado Nelson Werneck Sodré.

O levantamento de número 09/75, encaminhado ao SNI, afirma que os órgãos de segurança comprovaram "em tempo útil" a correlação entre a novela e a peça de teatro *O Berço de Herói*, que havia sido proibida. É esta a íntegra do comentário confidencial do Centro de Informações do Exército:

"A novela de autoria de Dias Gomes que a TV Globo pretendia apresentar, diariamente, no horário das 20 horas, *A fabulosa estória de Roque Santeiro* e de sua fogaosa viúva, a que era sem nunca ter sido, não obteve aprovação da Censura, para aquele horário, por ter sido considerada inadequada para o telespectador juvenil, quer pelo impacto de cenas e diálogos, quer pelo tema-mensagem, quer pelo grau de influências dos personagens: revoltados, prostitutas, adúlteras, levianas, aproveitadores, fanáticos, etc. É uma 'estória mística, de cunho social com matizes de parareligiosidade', onde se destacam a ofensa à moral, à ordem pública e aos bons costumes, bem como achincalhais à Igreja e exagerados registros de cenas amorosas.

"Acresce que os órgãos de informações comprovaram, em tempo útil, a correlação existente entre a novela e a peça de teatro *O Berço de Heróis* (sic), do mesmo autor, proibida de encenação e que a Editora Civilização Brasileira, no ano de 1965, publicou em livro, cujo prefácio de Paulo Francis, elemento subversivo, de concepções marxistas-leninistas, nos esclarece 'que o texto aborda tema político', para mais adiante concluir 'que a peça é, naturalmente, subversiva'.

"Alertada a Censura, incluiu-se os entendimentos, com avanços e recuos, visando à aprovação da novela. Sentindo a possibilidade de fortes nos trechos em que as 'mensagens' seriam enviadas para que o pessoal pudesse assimilar aquilo que eu queria passar, Dias Gomes e o grupo de esquerdistas atualmente infiltrados na TV Globo precipitaram o lançamento da novela — a primeira novela colorida das oito — para, depois, suspender a novela em um editorial feroz e insultador. A resposta explicativa da Censura não teve a mesma repercussão na imprensa, onde, dias depois, o mesmo cidadão, clinicamente, proclamava a 'inocência' da novela com a qual ele tentava atestar 'a influência da cultura estrangeira de nossa televisão'.

"Dias Gomes, militante do PCB, quando em 1964 foi admitido na Frente Nacional, como produtor, fez uma adaptação feroz de uma peça de Cristóvão Tezza, de autoria de uma igreja religiosa (sic), explorando e esgotando idéias comunistas, pregando a luta de classes, lançando operário contra patrões e pobres contra ricos. Tal peça foi irradiada na Sexta-Feira da Paixão, daquele ano. Por suas próprias declarações ficou comprovado que agiu sob a orientação do ex-general reformado Nelson Werneck Sodré, comunista, que apresentava em suas aulas no Iseb a História do Brasil sob o prisma marxista, baseado pelo AI-1 e que teve seus discursos políticos suspensos pelo prazo de dez anos."